

MANOEL BOMFIM: O INTELLECTUAL ENGAJADO E SUAS REDES DE SOCIABILIDADE

Marcela Cockell Mallmann

Resumo

Este estudo visa apresentar Manoel Bomfim (1868-1932) como intelectual engajado, um ator /autor que tece redes de sociabilidade representadas em sua produção e em sua trajetória profissional. Estas redes de sociabilidade, e de interesses, convergem com as transformações urbanas, sociais, política e econômicas de sua época, a *Belle Époque* tropical (1898-1914). Podemos observar na posição contracorrente de Bomfim a sua preocupação com a temática da educação, especialmente em relação à instrução primária, na sua produção, persistindo em toda sua vida. Neste trabalho abordaremos o seu engajamento intelectual e suas redes de sociabilidade com outros interlocutores que influenciaram, de algum modo, o seu debate em torno da educação.

Palavras-chave: Manoel Bomfim, intelectual engajado, redes de sociabilidade, educação.

Marginal é quem escreve à margem,
deixando branca a página
para que a paisagem passe
e deixe tudo claro à sua passagem.
Marginal, escrever na entrelinha,
sem nunca saber direito
quem veio primeiro,
o ovo ou a galinha.
(LEMINSKI, 1999, p. 23)

Como poeta homenageado do evento deste ano, buscamos inspiração na poesia de Leminski¹ para refletir sobre as nossas próprias questões. A sua poesia, já na porta de entrada, soa como aquele convite amistoso de largo sorriso. Não é um convite tão desprezioso quanto parece, vale ressaltar: o objeto está nas entrelinhas, entre “o ovo e a galinha”. Aqui, estranhamente, o “marginal” parece estar no centro: entre o poeta e o seu convidado, Manoel Bomfim². Este convidado não é nada modesto, é o protagonista, aquele que se encontra à margem, na contracorrente, mas nos tempos atuais retorna ao centro das discussões.

¹ Paulo Leminski Filho foi poeta, escritor, crítico literário, tradutor, letrista é conhecido por sua poesia marginal de uma nova geração de poetas.

² Sergipano da cidade de Aracaju, Manoel José do Bomfim (1868 -1932) cursou medicina na Faculdade de Medicina na Bahia, mas concluiu seus estudos no Rio de Janeiro em 1890. Atuou como médico até 1894 quando

Ser contra a corrente pode parecer uma página em branco, amargada no esquecimento, como Bomfim. No entanto, o clarão que se abre pela paisagem quando passamos por ela nos faz entender melhor a escrita que estava presente. Muitas vezes a perspectiva se modifica quando mudamos nosso olhar em relação às páginas ou paisagens. Talvez não seja a olho nu que devemos observar, mas através de lentes que se graduam: aumentam, diminuem, ou seja, oferecem o micro e o macro. Essa possibilidade de mudar as escalas da objetiva para buscar indícios (REVEL, 1998, p.15), nos ajudam pensar na questão da microanálise como uma proposição, e encontrar nas entrelinhas e nas margens direções, ainda que iniciais:

A abordagem micro-histórica se propõe enriquecer a análise social tornando suas variáveis mais numerosas, mais complexas e também mais móveis. Mas esse individualismo metodológico tem limites, já que é de um conjunto social – ou melhor, de uma experiência coletiva – que é sempre preciso procurar definir as regras de constituição e de funcionamento. (REVEL, 1998, p. 23).

Neste trabalho, enfocaremos Manoel Bomfim como intelectual engajado³ (à margem em relação ao seu contradiscurso, mas não marginalizado em relação à sua posição social), um autor/ator de sua época, a *Belle Époque* tropical (1898 a 1914⁴), que tece suas redes de sociabilidade, conforme os seus interesses.

Foi um intérprete e um observador de questões vividas pelo país num momento de transformação urbana, social, política e econômica. Sua preocupação não estava na presença da aparente modernidade, mas na ausência de se pensar nos problemas sociais existentes:

Basta observar, sabendo observar, penetrando no nevoeiro das aparências, dominando o desencontro dos detalhes, para achar o fundo solo das causas reais. Observação difícil e geralmente incompleta. Uma sociedade é um fenômeno vasto demais; para dominá-lo, no conjunto das suas manifestações, é preciso que o espírito se sobreponha a si mesmo, e não se deixe nunca tentar nem absorver por uma série de efeitos. (BOMFIM, 1905, p. 263).

Nesta proposta, consideramos Bomfim um intelectual engajado conforme conceito formulado por Sartre, como sendo aquele que intervém criticamente na sociedade, dialoga

sua filha faleceu devido à febre tifoide e se desiludiu com a medicina. Este fato acabou por estimular sua atuação na educação. Foi diretor do *Pedagogium* (1896); professor de instrução moral e cívica na Escola Normal do Rio de Janeiro (1897); diretor da Instrução Pública do Distrito Federal e diretor interino da Escola Normal do Rio de Janeiro (1898); deputado federal pelo estado do Recife (entre 1907 e 1908) e membro da Liga Brasileira de Saúde Mental (1923).

³ Conforme a definição de Sartre (1994): como uma figura que intervém criticamente na esfera pública trazendo consigo o seu conteúdo intelectual em diferentes áreas, sua autonomia de opinião e sua visão da atualidade.

⁴ Consideramos o recorte de Needel (1993).

intencionalmente com as ideias mais densas procurando dar direção a elas, e revelando a sua opinião crítica de forma autônoma e objetiva (NOVAES, 2006, p. 161). Seu engajamento pode ser representado pela sua produção: ensaios historiográficos, estudos de psicologia, pedagogia, artigos sobre educação e obras dirigidas ao público infanto-juvenil, como por exemplo, *Através do Brasil* (1910); e atuação profissional: médico, professor, diretor do *Pedagogium*⁵, editor e político. No campo das ideias o intelectual engajado produz inquietação e é dialético com outros intelectuais e com sua época. Para Velho (2006, p.50), o círculo social também reflete na interação dos intelectuais como interlocutores do processo social e, por isso, admitem um papel de “reinventores da vida social”. Esta interação que estrutura as redes é constituída de vínculos, geográficos e afetivos: de amizade e de cumplicidade, mas também de hostilidade e rivalidade (SIRINELLI, 2003, p. 248).

As redes de sociabilidade no meio intelectual da *Belle Époque* tropical (1898–1914) contavam com a participação em rodas boêmias, grupos literários, cafés, livrarias e salões. Neste trabalho traçamos como participantes da rede de sociabilidade de Bomfim: Alcindo Guanabara⁶, Olavo Bilac⁷, Medeiros de Albuquerque⁸ e Sílvio Romero⁹ e todos podem ser considerados intelectuais engajados.

Alcindo Guanabara participou ativamente da vida de Bomfim, amigo de longa data, mas especificamente desde 1885 enquanto ainda cursava a Faculdade de Medicina da Bahia. O contato entre os dois se manteve quando Bomfim chegou ao Rio de Janeiro se tornando, juntamente com Olavo Bilac, companheiros com afinidades profissionais e pessoais. Fundaram juntos o jornal *A Nação* (1903). Contudo, divergiam em relação aos posicionamentos políticos, enquanto o primeiro se posicionava defensor das ideias republicanas, Bomfim se demonstrava mais influenciado por ideias que levassem a movimentos revolucionários e nacionalistas. Através da indicação de Alcindo Guanabara e Medeiros de Albuquerque, Manoel Bomfim conseguiu o seu primeiro trabalho como médico na Brigada policial do Rio de Janeiro, e também o cargo de subdiretor do *Pedagogium* em 1896.

⁵ Criado em 16 de agosto de 1890, o *Pedagogium* tinha a função de coordenar e controlar as atividades pedagógicas do país e de ser um centro impulsionador e estimulador de reformas e melhorias para o ensino público

⁶ Alcindo Guanabara era jornalista, atuando na política como Deputado Federal e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Trabalharam juntos no jornal *A Nação* (1903).

⁷ Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac foi um jornalista, escritor, cronista, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras.

⁸ José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque foi professor, escritor, poeta, deputado, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras e Diretor da Instrução Pública em 1897.

⁹ Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero era também um intelectual engajado: um homem de letras, jornalista, crítico, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras e famoso por suas críticas ferozes.

Com Olavo Bilac, a amizade de longa data iniciada ainda na época de sua chegada ao Rio de Janeiro. Eram companheiros profissionais e também parceiros ideológicos, especialmente no campo da educação. Essa parceria de Bomfim e Bilac pode ser destacada em alguns momentos significativos, como no *Pedagogium* e na autoria de livros. Trabalharam em coautoria nas seguintes publicações: *Livro de Composição* de 1899, *Livro de Leitura* (1901) e *Através do Brasil* (1910).

A instrução pública, preocupação constante da trajetória de Bomfim, marcou a relação com Medeiros e Albuquerque. Com o apoio do amigo, então diretor da Instrução Pública Municipal (1897), atuou como diretor geral do *Pedagogium* (1896), fundou e dirigiu o mensário *Educação e Ensino* (1897)¹⁰ e dirigiu a *Revista Pedagógica* (1890). Substituiu Medeiros e Albuquerque na Diretoria da Instrução Pública entre 1898 a 1900, tornando-se membro do Conselho Superior de Instrução Pública do Distrito Federal. Em *Progresso pela Instrução* (1904), Bomfim destaca a importância da instrução primária e o tema permanece até sua última obra *Cultura e educação do povo brasileiro* (1932).

Sílvio Romero se torna um importante interlocutor da rede de sociabilidade de Bomfim por divergir de suas ideias e criticar ferinamente sua obra *A América Latina: males de origem* (1905), criando um debate intelectual que marcou a trajetória destes dois personagens. Escreveu em 1906, suas críticas em relação à obra de em *Os Annaes* uma série de artigos sob o título *Uma suposta teoria nova da história latino-americana*, sendo compilado em um livro no mesmo ano: *A América Latina: analyse do livro de igual título do Dr. Bomfim*.

A preocupação com a formação do povo brasileiro constituiu o principal debate da geração acadêmica de Sílvio Romero e Manoel Bomfim, que tinha como objetivo a construção de uma nova nação comprometida com o progresso. Sílvio Romero privilegiava o determinismo racial como elemento autônomo que se impõe, a partir de fatores climáticos ou geográficos. O contradiscurso de Bomfim ia de encontro às teorias vigentes. Em seu ponto de vista, a teoria do branqueamento e das etnias inferiores do povo brasileiro procurava justificar o imperialismo e a submissão das classes desprotegidas. Para Bomfim, a questão das raças estava mais ligada às relações sociais entre as classes dominantes e dominadas, concebendo a sociedade dentro de um sistema, o “parasitismo social”, descrito em *A América Latina: males de origem*. No livro propõe que a cura dos males do atraso seria a educação.

¹⁰ Revista oficial da Diretoria da Instrução Pública.

Se adentrarmos pela metáfora da rede, como um tear de convergências e divergências entre estes intelectuais, podemos pensar algumas considerações: Bomfim foi o único desta rede a optar por não ser membro da Academia Brasileira Letras, mesmo sendo convidado pelo presidente fundador da instituição, Machado de Assis, e permaneceu envolvido nos debates relacionados à educação. Ele mesmo vivia o seu contradiscurso e se colocava à margem, e a sua preocupação ia além do pertencimento à uma academia. Seu engajamento intelectual eclodiu na sua preocupação com a educação popular e tornou o seu tema de discussão e interesse durante toda a sua vida: “A educação – a formação da pessoa humana, no que ela tem de característico e superior, é, e será sempre, o problema capital para a orientação dos nossos destinos” (BOMFIM, 1932, p. 14).

Referências Bibliográficas

- BOMFIM, Manoel. *O progresso pela instrução*. Rio de Janeiro: Instituto Profissional, 1904.
- _____. *A América Latina: males de origem*. Parasitismo Social e evolução. Rio de Janeiro: 1905.
- _____. *Cultura e Educação do povo brasileiro: pela difusão da instrução primária*. 1932.
- CANDIDO, A. *A Educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- NOVAES, Adauto (Org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- REVEL, Jacques. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- UEMORI, Celso Nobrou. *Explorando em campo minado: a sinuosa trajetória intelectual de Manoel Bomfim em busca da identidade nacional*. (Tese de Doutorado). PUC-SP, São Paulo, 2006.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.